

ETNOMÍDIAS INDÍGENAS E A ARTESANIA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Indigenous ethnomedia and craftsmanship in the production of knowledge

Etnomedios indígenas y la artesanía en la producción de conocimiento

Raquel Gomes Carneiro¹
Cláudio Henrique Vieira²

DOI:10.31501/esf.v3i34.15957

Resumo: Este artigo aborda as *etnomídias indígenas* na condição de produtoras do conhecimento, um fazer político-comunicacional que nos faz refletir sobre como o direito ao narrar-se e o direito à memória denotam ressignificação do espaço midiático. Nosso *corpus* será a *Rádio Yandê*, autointitulada a primeira webrádio indígena do Brasil, e a *Mídia Indígena*. As *etnomídias* vêm sendo observadas no percurso do doutorado, à luz de pensadores como Ailton Krenak, Gersem Baniwa, Silvia Rivera Cusicanqui, Linda Smith, dentre outros.

Palavras-chave: Comunicação. Conhecimento. Etnomídia indígena.

Abstract: This article addresses Indigenous ethnomedia as producers of knowledge, a political-communicational practice that leads us to reflect on how the right to narrate oneself and the right to memory denote a re-signification of media space. Our corpus will be *Rádio Yandê*, self-proclaimed the first Indigenous web radio in Brazil, and *Indigenous Media*. Ethnomedia has been observed throughout the doctoral research, in light of thinkers such as Ailton Krenak, Gersem Baniwa, Silvia Rivera Cusicanqui, Linda Smith, among others.

Keywords: Communication. Knowledge. Indigenous ethnomedia.

Resumen: Este artículo aborda los etnomedios indígenas como productores de conocimiento, una práctica político-comunicacional que nos lleva a reflexionar sobre cómo el derecho a la autonarración y el derecho a la memoria denotan una resignificación del espacio mediático. Nuestro corpus será *Rádio Yandê*, autoproclamada la primera radio web indígena de Brasil, y *Medios Indígenas*. Los etnomedios se han observado a lo largo de la investigación doctoral, a la luz de pensadores como Ailton Krenak, Gersem Baniwa, Silvia Rivera Cusicanqui, Linda Smith, entre otros.

Palabras-clave: Comunicación. Conocimiento. Etnomedios indígenas.

¹ Doutora, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil. raquel.gomes.carneiro@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-4755-4532>

² Mestre, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. claudiohvieira@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5052-3139>



Introdução

O caminho da investigação científica busca responder ao desejo humano de compreender o mundo e de ampliar os limites do conhecimento, por meio da organização sistemática das ideias, tarefa que se impõe como um dos principais desafios ao aprendiz-pesquisador. Ao ingressar na prática da artesanaria científica (Mills, 1975), se depara com racionalidades próprias da tradição ocidental que, conforme argumenta a pesquisadora *Maori* Linda Tuhiwai Smith, foram historicamente posicionadas como “superiores” no contexto da colonização e da exploração global, enquanto outros modos de conhecer eram desqualificados como “primitivos”. Tal perspectiva não apenas gerou interpretações distorcidas sobre contextos e identidades étnicas, sustentadas em generalizações, como também consolidou um “método científico” orientado por uma lógica colonial (2018, p. 197), que pouco contribuiu para aprofundar a compreensão sobre o povo *Maori*. E tal contexto se replica inúmeras vezes ao longo da história com diferentes povos indígenas.

Portanto, é nessa esteira reflexiva que o presente artigo tece algumas considerações sobre a *etnomídia indígena*, um fazer comunicacional exclusivo de sujeitos comunicantes indígenas que se apropriam de linguagens artísticas, literárias, audiovisuais e multimidiáticas para a produção de suas próprias narrativas, construções comunicacionais que diferem daquelas realizadas por comunicadores não indígenas (Carneiro, 2019).

A noção de etnomídia remete ao campo da etnomidialogia que, nos estudos de Ferreira (2015), refere-se às formas de autorrepresentação midiática construídas por grupos socialmente excluídos, minorizados ou “sócio-acêntricos”. No entanto, associada ao termo indígena, a etnomídia explícita, de

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

modo político e comunicacional, a origem e o propósito dessas produções, evidenciando quem as realiza, quais pautas orientam sua criação, os conteúdos difundidos e o público a que se destinam. Para Renata Tupinambá (2016), descolonizar os meios “não diz respeito apenas ao modo de utilizar essas ferramentas ou de produzir notícias sobre temáticas indígenas, mas também à transformação dos pensamentos reproduzidos ao longo dos anos por esses veículos”.

Para compreensão da *etnomídia indígena*, trabalhamos a partir de dois objetos de referência: a *Rádio Yandê* e *Mídia Indígena*, ambos os meios comunicacionais integrantes de nossa trilha científica de doutorado.

A *Rádio Yandê*, a primeira webrádio indígena do Brasil, criada em 2013, por Anápuaka Muniz Tupinambá, Aratykyra Renata Machado Tupinambá e Denilson Baniwa³, nasceu com a missão de produzir conteúdos de interesse das próprias comunidades, já que as pautas sensacionalistas e trágicas eram amplamente cobertas pela mídia tradicional de massa. Na prática, promover a escuta e o diálogo para transmitir informações que respeitem as diversas oralidades, culturas e conhecimentos étnicos indígenas ocorre, segundo Anápuaka Tupinambá Hã Hã Hãe, por um desejo compartilhado: o de existir.

A *Mídia Indígena*⁴, meio de comunicação formado por cidadãos indígenas, começou

³ Anápuaka é filho de pai indígena e mãe negra e indígena. Dos 8 aos 13 anos, vivenciou o cotidiano na aldeia Tupinambá, no sul da Bahia, mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar em “escola de branco”. Desde cedo, percebeu a importância do diálogo com outros povos e a necessidade de se criar espaços de protagonismo para os indígenas. Renata Machado nasceu em Niterói (RJ) e atua, desde 2006, na difusão das culturas indígenas por meio de projetos culturais e etnocomunicação. Renata é documentarista, roteirista, poeta, curadora e artista visual. Denilson Baniwa, natural do Rio Negro (AM), radicado em Niterói (RJ), é designer, ilustrador, curador, um dos artistas visuais mais importantes da atualidade e com uma produção artística vigorosa.

⁴ A mudança da nomenclatura original de *Mídia Índia* para *Mídia Indígena* ocorreu em 19 de abril de 2023 com intuito de evitar aproximação com o jeito depreciativo a que os não indígenas se referem aos indígenas. A *Mídia Indígena* consolidou-se com jovens de etnias diversas – uma parte formada em comunicação, 128 capacitados por oficinas e mais de 60 correspondentes de diferentes localidades do Brasil. São seis anos de dedicação, conquistando

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

oficialmente em abril de 2017, no Acampamento Terra Livre (ATL)⁵, com o objetivo de “falar – em primeira pessoa – das culturas indígenas sem precisar que os brancos falem”, afirma Erisvan Bone Guajajara (2020), um dos fundadores.

A partir de nossos movimentos exploratórios sistemáticos, apresentamos aqui uma observação netnográfica do conteúdo midiático produzido pelos veículos, destacando a entrevista veiculada em vídeo pelo canal do *YouTube* da *Rádio Yandê*, em que Anápuàka Tupinambá conversa com Alexandro Kuaray Mirim. O jovem *Mbyá Guarani* Alexandro é produtor do documentário sobre a Casa de Reza do seu povo, em Paraty/RJ. Sublinhamos a processualidade comunicacional do diálogo e escuta entre dois sujeitos comunicantes de duas etnias.

Em seguida, destacamos um *videocast* produzido e veiculado pelo *Mídia Indígena*, no qual comunicadores indígenas, durante a cobertura do ATL 2014, compartilham entre si, as próprias experiências sobre o ato de comunicar. Experiências essas que nos instigam a refletir e compreender, a partir de dimensões comunicacionais, como temporalidade, territorialidade, usos e apropriações, bem como a educomunicação, como as *etnomídias indígenas*, em suas metodologias, produzem conhecimentos e contranarrativas, visto que as mídias hegemônicas, seguindo o *american way of life*, negam e violentam alteridades sociais e culturais de povos indígenas, tentando adequar o multicultural, em termos de uma realidade anacrônica, aos padrões ocidentais, ou seja, do colonizador (Maldonado, 2013, p.95).

um lugar importante na difusão das pautas e temas transversais à causa indígena. Bone Guajajara (2020) ressalta que as publicações nas redes sociais digitais representam uma fonte confiável e oficial de consulta para os próprios indígenas, uma ferramenta a mais na cobrança dos direitos.

⁵ “A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB foi criada pelo movimento indígena no Acampamento Terra Livre de 2005. O ATL é a nossa mobilização nacional, realizada todo ano, a partir de 2004, para tornar visível a situação dos direitos indígenas e reivindicar do Estado Brasileiro o atendimento das suas demandas e reivindicações”. Disponível em: <<https://apiboficial.org/sobre/>>. Acesso em: 29.nov.25

O trilhar do conhecimento com temáticas indígenas pelo aprendiz-pesquisador

Para ingressar na artesanaria científica como caminho para a produção do conhecimento, é necessário desdobrar o pensamento e deixar que suas palavras se expandam em múltiplos sentidos, como ensina a cultura Yanomami, em Roraima, no Amazonas. Davi Kopenawa (2015) afirma que seu povo dispensa o uso de fotografias: as imagens permanecem vivas na interioridade de cada pessoa, sustentadas por uma memória duradoura e vigorosa. Já a memória do branco, engenhosa, tende a se turvar e a ofuscar suas próprias palavras, revelando que, na verdade, desconhecem a floresta. Isso ocorre porque fitam incessantemente apenas “as peles de papel em que desenharam suas próprias palavras” (2015, p. 76). Quando deixam de seguir esses traçados, o pensamento se desorienta, perde o curso e se torna esquecido e empobrecido.

Considerando que o ato humano não pode ser reduzido ao conhecimento, como indica Sartre (2011), torna-se fundamental experienciar, existir e recriar, sem submeter-se unicamente ao que está registrado nas peles de papel. Trata-se de (re)estabelecer vínculos de reciprocidade, nutrir uma práxis científica e construir epistemologias que não afastem o belo, os afetos, as estéticas e os saberes ancestrais, gestando formas de conhecimento capazes de formar cientistas cidadãos (Bonin, 2016).

Assim, a autonomia do pensamento, na elaboração do conhecimento, se consolida por meio do incentivo a um pluralismo epistemológico, sustentado por um modelo artesanal e inventivo de sujeito (Mills, 1975), capaz de manejar, aperfeiçoar e transformar-se em aprendiz-pesquisador que elabora seus próprios caminhos metodológicos. Nesse processo, o artesão científico, ao assumir responsabilidade por suas produções, vai incorporando reflexões e desenvolvendo habilidades ao longo

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

do tecido investigativo, reconhecendo também a importância de extrair de suas vivências a cultura, o conhecimento e o prazer envolvidos naquilo que escolheu investigar, enquanto sujeito portador de direitos sociais

Em pesquisas com sujeitos comunicantes indígenas (Carneiro, 2023), é imprescindível, primeiramente, o olhar sensível do aprendiz-pesquisador para com as diferenças, não caindo na armadilha da universalização e simultaneidade dos tempos, nos termos de Cusicanqui (2018) ao abordar a condição *ch'ixi* de existência no mundo.

Por que temos que transformar cada contradição em um dilema paralisante? Por que temos que enfrentá-la como uma oposição irreduzível? Ou isto ou aquilo. Na realidade, estamos trilhando um caminho onde ambos estão interligados, e não é necessário escolher um ou outro. (Cusicanqui, 2018, p. 77. Tradução nossa)⁶.

A condição *ch'ixi* de existência valoriza as idiosincrasias, a opacidade das culturas e foge aos binarismos. O conceito *ch'ixi* nos ajuda a observar as narrativas indígenas como resultantes dos conteúdos que envolvem a heterogeneidade dos povos e temporalidades distintas, fogem ao olhar essencialista para a história, a geografia, as culturas e o tempo como coisas únicas, sobrepostas. A apropriação do espaço digital pelos povos originários dá a ver um gesto de torná-lo território habitável por seus corpos e narrativas gerando, em tese, uma rede ecológica de saberes ou uma cosmologia

⁶ ¿Por qué tenemos que hacer de toda contradicción una disyuntiva paralizante? ¿Por qué tenemos que enfrentarla como una oposición irreductible? O esto o lo otro. En los hechos estamos caminando por un terreno donde ambas cosas se entreveran y no es necesario optar a rajatabla por lo uno o lo otro. (Cusicanqui, 2018, p. 85).

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

mediática. Estamos falando de uma diversidade epistêmica, cultural e social de 391 etnias existentes no Brasil e mais de 395 línguas faladas, por 1 milhão 694 mil 836 cidadãos indígenas⁷.

Desse modo, realizar a tessitura do conhecimento com temáticas indígenas em ambiência comunicacional envolve trabalhar com cidadãos indígenas cujas identidades se elaboram a partir de temporalidades e pluralidades de matrizes culturais as quais se encontram e (re) constituem, preservando suas identidades e vivenciando territorialidades construídas com seus próprios métodos e estratégias midiáticas no bojo das mediações socioculturais que estruturam a pluralidade dos meios (Martín-Barbero, 2003). Tratamos, portanto, de uma ambiência identitária complexa e multidimensional.

Segundo Maldonado (2013), a multidimensionalidade do sujeito se refere a sua imersão em diversos contextos, o que o leva a articular lógicas culturais, sociais, linguísticas, estéticas e psicológicas em diferentes dimensões constitutivas e transformadoras, especialmente no campo tecnológico. Em outras palavras, sua singularidade étnica e identitária é permeada por outras identidades e realidades, em um contexto brasileiro e latino-americano marcado por mestiçagens, se distanciando da simples repetição de padrões estruturais.

Assim sendo, são esses multicontextos em que esse sujeito comunicante indígena se insere, que nos levam a considerar categorias e conceitos para compreensão das práticas comunicacionais, não com objetivo de dar conta da totalidade do fenômeno, mas evitar incorrer ou perpetuar a produção do

⁷ “Censo 2022: Brasil tem 391 etnias e 295 línguas indígenas”. Dados finais do Censo 2022, publicados pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), em 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44848-censo-2022-brasil-tem-391-etnias-e-295-linguas-indigenas>. Acesso em: 30.nov.25.

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

conhecimento colonizado, o que nos leva a pensar tal complexidade com *Kaupapa maori*, as metodologias de pesquisa na perspectiva *Maori*:

É uma conceituação do conhecimento maori. [...] se aplica, portanto, ao modo de pensamento maori, e ao jeito de fazer as coisas dos maoris, mas isso não nega nem a existência desse povo, nem a legitimidade fundamental de suas formas de conhecimento. Ela busca compreender essas formas, no entanto, sob seus próprios termos e dentro do contexto mais amplo dos valores e atitudes dos maoris, da sua língua, dos seus modos de viver no mundo. (Smith, 2018, p. 215).

A *Kaupapa Maori* tem como ponto de partida o conceito de *whanau*, um dos vários componentes da filosofia, dos valores e das práticas desse povo. Esse princípio foi integrado a uma metodologia que busca incorporar procedimentos éticos orientados pela comunidade e assegurar que diferentes segmentos das coletividades *Maori* tenham espaço para se expressar. Assim sendo, pressupõe escuta atenta e diálogo aos cidadãos indígenas envolvidos nas respectivas pesquisas, no decorrer de todo o processo.

Tal metodologia pressupõe ainda, tensões entre o problema, os conceitos e categorias que orientam a investigação e o aprendiz-pesquisador, bem como epistemologias e concepções de conhecimentos indígenas, de modo que se reconheçam como sujeitos ativos. Ademais, a disseminação do conhecimento, não apenas no âmbito dos procedimentos investigativos, mas como um dever científico, político, social e cultural é um dos aspectos fundamentais para estruturar uma agenda de pesquisa indígena, já que “implica ver o conhecimento como benefício coletivo e como uma forma de resistência” (Smith, 2018, p.187).

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

Os horizontes de pensamento *Aymara* e *Maori* nos conduzem a Dussel (1993) ao tratar de questões como, o ‘descobrimento’ do “novo” mundo, o eurocentrismo, a dominação dos corpos, a colonização do mundo da vida, a conquista espiritual e o chamado encontro entre dois mundos. Por outro lado, dialogam com Ferdinand (2019), que propõe uma ‘ecologia decolonial’, ao enfatizar os saberes situados como formas de resistência frente a uma episteme universalizada e ao criticar a fissura que dissocia a história colonial da história ambiental:

... a fratura ambiental decorre desta “grande partilha” da modernidade, a oposição dualista que separa natureza e cultura, meio ambiente e sociedade, estabelecendo uma escala vertical de valores que coloca “o Homem” acima da natureza. Ela se revela por meio das modernizações técnicas, científicas e econômicas de domínio da natureza, cujos efeitos são mensurados pela dimensão da poluição da Terra, da perda de biodiversidade, das alterações climáticas e à luz das desigualdades de gênero, das misérias sociais e das vidas descartáveis geradas. [...] Por outro lado, tal fratura abrange também uma homogeneização horizontal e esconde as hierarquizações internas de ambas as partes. De uma parte, os termos “planeta”, “natureza” ou “meio ambiente” escondem a diversidade de ecossistemas, dos lugares geográficos e dos não humanos que os constituem. (Ferdinand, 2019, pp. 24-35).

Reflexões essas que se somam à palavra de Ailton Krenak (2019; 2020; 2022), ao nos trazer a dimensões temporal e espacial, bem como a relação do homem dito civilizado com essas dimensões no antropoceno. Ao criticar a sociedade, o pensador do povo Krenak aponta o movimento da sociedade moderna capitalista que, em prol de interesses materiais, se separa do meio ambiente, do tempo e do outro, sem importar-se com o amanhã.

O diálogo até aqui tecido com os referidos autores nos auxilia a pensar as *etnomídias indígenas* e a artesanaria do conhecimento pela dimensão comunicacional que se propõe descolonizadora ao

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

trabalhar a ecologia dos saberes como resistência a uma episteme universalizada, narrativas elaboradas a partir do próprio sujeito comunicante indígena em oposição às narrativas universalizantes da mídia hegemônica que invisibilizam saberes, corpos e vozes ancestrais, epistemologias outras e temporalidades distintas quando o assunto são as culturas indígenas.

As etnomídias indígenas e a artesanania do conhecimento

Podemos pensar a dimensão comunicacional das *etnomídias indígenas* como um corpo-tela, nos termos de Leda Maria Martins (2018), em que se inscrevem não apenas imagens materiais e mentais, discursos, mas poéticas também visuais e sonoras. Ao invés de tela, pensemos em território: um corpo-território indígena em ação midiática, um espaço ressignificado e demarcado pela presença de sujeitos comunicantes indígenas.

Trata-se de uma comunicação crítica e cidadã, que se propõe descolonizadora ao articular elementos cosmológicos em suas dimensões políticas, sociais, culturais e ancestrais, dando a ver seu caráter contracolonial. Narrativas tecidas e atravessadas por epistemologias específicas e transcendentais, de onde emergem outros significantes. Discussão que nos leva ao exercício de rever e tensionar conceitos estabelecidos, nos ajudam a pensar novas categorias considerando os aspectos cosmológicos dos fenômenos e a condição de opacidade dos sujeitos comunicadores envolvidos, dialogando aqui com Glissant (2021).

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

A transparência deixou de figurar como o fundo do espelho em que a humanidade ocidental refletia o mundo à sua imagem; no fundo do espelho agora há opacidade, um lodo depositado pelos povos, lodo fértil, mas na realidade incerto, inexplorado, ainda hoje, frequentemente negado ou ofuscado, cuja presença insistente não podemos evitar ou deixar de vivenciar. (Glissant, 2021, p. 133).

A opacidade dos sujeitos comunicantes indígenas e a produção de narrativas contra hegemônicas reforça nosso olhar investigativo para as etnomídias indígenas como produtoras do conhecimento, uma vez que é nesse território comunicacional fértil que vão fortalecendo performances de operações táticas, por meio de usos, apropriações, negociações e estratégias para subverter essa ordem relacional hegemônica (Certeau, 2003).

Uma das produções da *Rádio Yandê* que nos auxilia na compreensão sobre como se constituem os processos etnocomunicacionais e que trabalham com práticas da tecnologia da oralidade, do corpo e da natureza (Carneiro, 2019) é a entrevista ao jovem Alexandro Kuaray Mirim, produtor do documentário sobre a Casa de Reza do seu povo⁸, em Paraty/RJ (Figura 1). A entrevista, feita pelo idealizador da *Yandê*, Anápuàka Tupinambá.

A conversa é norteadá pela escuta de um *Tupinambá* a um jovem *Mbyá*, que parte do relato do jovem *Mbyá* à figura mais velha da aldeia, o avô, resultando no registro audiovisual com os mesmos objetivos: que as tradições e culturas originárias sejam compartilhadas e não se percam, que a

⁸ Os Mbya (e os Nandeva) constroem e mantêm uma casa para a prática de rezas e rituais coletivos, *opy guaçu*, localizada próxima ou mesmo agregada à casa do tamöi. Orientadas pelo dirigente espiritual as “rezas” também voltam-se às situações e necessidades corriqueiras (colheita, ausência ou excesso de chuva, problemas familiares, acontecimentos importantes, imprevistos etc.). A principal cerimônia realizada na *Opy* é o *Nheemongarai*, quando os cultivos tradicionais são colhidos e “abençoados” e são atribuídos os nomes às crianças nascidas no período. O *nheemongarai* deve coincidir com a época dos ‘tempos novos’ (*ara pyau*), caracterizado pelos fortes temporais que ocorrem no verão. Fonte: Povos Indígenas no Brasil Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya#Organiza.C3.A7.C3.A3o_social.2C_pol.C3.ADtica_e_religiosa. Acesso em: 6 ago. 2025

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

sabedoria ancestral seja atualizada, que as gerações futuras entendam a dimensão simbólica dos rituais no presente a partir de espaços sagrados como a Casa de Reza que, por sua vez, dialoga com outras dimensões espaço-temporais.



Figura 1 – Entrevista com Alexandro Kuaray Mirim – *Guarani Mbyá* (Canal do Youtube *Rádio Yandê*, 2016)

Há o invisível contido no registro da entrevista ao jovem *Mbyá*, um elemento extracampo visto que falamos de uma narrativa que evoca o símbolo de uma tradição, a Casa de Reza, e o relato de um indígena, cujo corpo é dotado de uma epistemologia *Mbyá Guarani*. Falamos de um espaço-tempo que escapa à oralidade e ao registro verboaudiovisual feito pela *Yandê*, e do que este provoca na

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

imaginação da audiência. Visualizamos o que emerge da fricção ou esfregação, conforme Glissant (2021) entre o que é narrado, o corpo em cena e o que é captado pela câmera.

Destacamos que, a etnocomunicação realizada por povos indígenas está intrinsecamente vinculada à ideia de territorialidade, compreendida a partir de Santos (2001), para quem esse conceito não se limita ao simples fato de habitar um determinado espaço, mas deriva sobretudo das relações estabelecidas com ele e do reconhecimento do seu valor simbólico, permeado e transformado por dimensões ecológicas, culturais, sociais, econômicas, políticas. Assim, a territorialidade é entendida não como um espaço-tempo fixo, imemorial, essencial e concluído, mas como um território em constante contraste, interação e mudança, tal como ocorre na artesanaria científica.

Assim, a etnocomunicação indígena estabelece um território expressivo próprio para cada sujeito comunicador, moldado tanto pelas percepções internas de suas comunidades acerca de seu corpo epistêmico no ambiente midiático quanto pelos modos como os não indígenas interpretam as realidades e singularidades dos povos originários. Como afirmam Souza e Costa (2021, p. 443), “as práticas etnomidiáticas indígenas não podem ser confinadas em categorias previamente elaboradas por nós, não indígenas, sobre o que seriam ou deixariam de ser”. Em linhas gerais, a construção das contra narrativas etnomidiáticas se realiza pelo afastamento dos modelos especulares, pela ruptura com o grupo considerado “superior” e pela contestação das fronteiras impostas pelo Ocidente, conforme argumenta Torrico (2019).

A reflexão apresentada anteriormente ressoa nas falas de diversos comunicadores indígenas durante a conversa com Eric Terena, um dos coidealizadores da *Mídia Indígena*, em um dos *videocasts*

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

gravados no Acampamento Terra Livre (ATL) 2024, em Brasília (Figura 2). Nesse diálogo, Bitate, do povo Uru-Eu-Wau-Wau, de Rondônia, observa:

Lá somos quatro comunicadores né, que tá começando agora. Começamos com dois, agora a gente tá expandido em todo o território assim, vamos dizer, e tá sendo uma experiência muito incrível porque a gente sabe que a gente tem uma arma muito forte que é os nossos celulares, que é a nossa câmera, nossas filmadoras e também nossos drones, né? E isso pra gente nos fortalece muito nessa questão territorial e principalmente para nossa segurança. (Uru-Eu-Wau-Wau, 2023, on-line).

O comentário de Bitate, “a gente sabe que a gente tem uma arma muito forte”, evidencia a força presente nos usos e nas apropriações das tecnologias digitais, bem como o papel relevante dos dispositivos sociotécnicos na produção dos registros. Mas há que se lembrar que a tecnologia primordial é a ancestral. Como observa Gomes (2022), a *etnomídia indígena* tem origem em múltiplas práticas marcadas pelas tecnologias da oralidade, do corpo e da própria natureza.

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena



Figura 2 – Videocast – Comunicadores em Ação: Bitate Uru Eu Au Au, Richard Werá e Sali Guarani Nhandeva (Canal do Youtube *Mídia Indígena*, 2023)

Sali, cidadã do povo *Guarani Nhandeva*, Mato Grosso do Sul, endossa a fala de Bitate no sentido da atuação dos comunicadores indígenas nos territórios de origem.

A comunicação no meio dos povos, principalmente do Guarani, praticamente é uma ameaça para os fazendeiros, ruralistas e também dar cara né, principalmente porque os rezadores mesmo, quando você vai fazer uma, digamos, uma entrevista com eles para contar o que realmente acontece, dá cara para as telas, eles não falam não, ficam com medo por conta desses fazendeiros que ameaçam, que vivem perseguindo. Se não for eles sendo perseguidos a si próprios, perseguem a família, os filhos e toda a família que vive nesse território. (Guarani Nhandeva, 2023, on-line).

Ao afirmar que “a gente vai ocupando esse lugar”, Sali evidencia o vazio deixado pela mídia hegemônica quando esta se limita a reproduzir uma narrativa pautada pelo senso comum, sustentando

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

apenas um ponto de vista: o do colonizador, do não indígena. Nesse contexto, o *videocast* desenvolvido pela *Mídia Indígena* assume um caráter educ comunicativo, funcionando como ferramenta didática para compreender as contra narrativas e configurando-se como “uma forma de insurgência diante dessa enxurrada de imagens negativas atribuídas aos povos indígenas ao longo de quinhentos e vinte anos de colonização” (Demarchi, 2022, p. 66).

Negligenciar o papel de sujeitos e sujeitos comunicantes indígenas está no cerne do colonialismo que se reafirmou com o projeto de modernidade oriundo do capitalismo. Smith (2018) destaca que a sistemática colonização dos povos indígenas nos séculos XVIII e XIX é uma das facetas do projeto modernista, que veio na esteira do imperialismo e lançou para as comunidades indígenas um olhar preconceituoso e redutor, ainda dominante em pleno século XXI, jogando por terra a expressão “pós-colonial”.

Chamar o mundo de “pós-colonial” é denominar o colonialismo como um negócio acabado. [...] Há evidências contundentes de que isso não ocorreu, e ainda que eles tenham ido formalmente, as instituições e o legado do colonialismo permanecem. A descolonização, outrora considerada procedimento formal de entrega dos instrumentos de governo, é agora reconhecida como um processo de longo prazo, envolvendo o despojamento burocrático, cultural, linguístico e psicológico do poder colonial. (Smith, 2018, p. 117).

Mencionar a descolonialidade nos conduz a revisitar epistemologias ancestrais que, ao mesmo tempo em que problematizam e analisam as formas de pesquisa e produção do conhecimento nas sociedades modernas e pós-modernas, impulsionam a criação de novas narrativas e contranarrativas, sensíveis aos atravessamentos culturais, sociais, políticos e às mútuas afetações. Essa compreensão

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

nos reconduz às *etnomídias indígenas* como instâncias legítimas e potentes de produção de conhecimento.

Assim, reconhecer os povos indígenas como sujeitos comunicantes e produtores de conhecimento nos conduz a pensar sua presença, em corpo e pensamento, ocupando não apenas as escolas, mas também diversos outros territórios: instituições sociais, políticas, culturais, econômicas e artístico-culturais. Ao tratar dessa ocupação a partir do lugar de sujeitos comunicantes, inevitavelmente chegamos ao campo midiático, um espaço marcado por grande complexidade e frequentes disputas, dada a hegemonia de grupos não indígenas alinhados a lógicas coloniais. Cusicanqui (2015) aponta que a colonialidade se configura por múltiplos paradoxos, sustentados por contínuos processos de recolonização e colonizações internas. Já Smith observa que “quando alguém começa a pressionar e balançar a estrutura, torna-se possível perceber o quão profundamente enraizada está a oposição” (Smith, 2018, p. 90).

As práticas etnomidiáticas dialogam também com as ideias de Torrico (2019), ao tratar de uma comunicação que rompe com aquela definida pelo colonizador - eurocêntrica, vertical e hegemônica:

Estamos, portanto, convocados a fazermos parte de uma revolta multidimensional na esfera comunicacional que, a partir da perspectiva subalterna, mude os âmbitos de sua epistemologia e ontologia, renove sua teorização e questionamentos e revitalize uma prática cotidiana que oriente à emancipação e humanização. Decolonizar, em nosso caso, quer dizer deixar de ver a comunicação e seu campo com os olhos da tecnocracia, do mercado e da fé cega para retomar o controle político e recuperar o conteúdo libertador do seu sentido e prática. (Torrico, 2015, p. 109, tradução nossa⁹).

⁹ Estamos, pues, convocados a hacernos parte de una revuelta multidimensional en la esfera comunicacional que, desde la perspectiva subalterna, remueva los ámbitos de su epistemología y ontología, renueve su teorización e indagación y revitalice su práctica cotidiana con un norte humanizante y emancipador. Decolonizar, en nuestro caso, quiere decir dejar de ver a la comunicación y su campo con los ojos de la tecnocracia, el mercado, la fe enneguecida y el control político para recuperar el contenido libertador de su sentido y praxis (Torrico, 2015, p. 109).

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

Descolonizar a comunicação implica colocar em movimento uma crítica rigorosa às categorias e aos conceitos cristalizados ao longo do tempo, tanto nas mídias hegemônicas quanto no campo acadêmico, incluindo seus modos de investigar, recortar e interpretar os fenômenos. Trata-se também de um esforço de desobjetificar os corpos e as culturas ancestrais envolvidas nesses processos. Nesse horizonte, as *etnomídias indígenas* emergem como uma contribuição fundamental, pois evidenciam um fenômeno em pleno desenvolvimento, composto por múltiplas camadas de análise. Isso se deve, sobretudo, ao fato de que mobilizam as ancestralidades de seus sujeitos produtores e seus corpos epistemológicos, o que lhes confere uma abertura quase inesgotável para experimentações ao longo do espaço-tempo.

Assim sendo, *tanto a Rádio Yandê quanto a Mídia Indígena* vêm exercendo papel fundamental na sociedade ao promover uma comunicação sem intermediários, atualizando as culturas nativas, reverberando as causas, promovendo o diálogo intercultural e desconstruindo estereótipos. E nesse contexto, o corpo-território do sujeito comunicante indígena, ao mesmo tempo que é dispositivo, é o corpo ancestral que, no contato com outros corpos ancestrais e registros verboaudiovisuais, evocam tempos-espacos memorialísticos e tecem junto narrativas.

...é necessário retornar ao paradigma epistemológico indígena, uma epistemologia na qual seres animados ou inanimados são sujeitos, tão sujeitos quanto os humanos, embora sujeitos de natureza muito diferente. Há algo que distingue o que é indígena do que não é, algo que distingue a epistemologia de mundos diferentes do capitalismo e do antropocentrismo do mundo do Atlântico Norte. Temos que pensar em uma episteme que reconheça a condição do sujeito naquilo que comumente chamamos de objetos... (Cusicanqui, 2018, p. 90. Tradução nossa¹⁰).

¹⁰ [...] es necesario retomar el paradigma epistemológico indígena, una epistemología en la que los seres animados o inanimados son sujetos, tan sujetos como los humanos, aunque sujetos de muy otra naturaleza. Hay algo que distingue a lo indio de lo que no lo es, algo que distingue a la epistemología de los mundos alternos al capitalismo y al antropocentrismo del mundo noratlántico. Tenemos que pensar en una episteme que reconozca la condición del sujeto a lo que comúnmente se llama objetos [...] (Cusicanqui, 2018, p. 90).

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

Gomes (2019) aponta que as *etnomídias indígenas* não começam na dominação da tecnologia e, sim, nas práticas atravessadas pela tecnologia da oralidade, considerando o corpo-território indígena como dispositivo.

Os conhecimentos indígenas raramente são debatidos e problematizados em sua dimensão comunicacional, como observa Carneiro (2019). Essa percepção só se torna possível quando nos afastamos das perspectivas sustentadas pelo senso comum, pelo status quo e pelos referenciais tradicionais que predominam na academia. Esse movimento nos remete à noção de “cultura” (com aspas) por Carneiro da Cunha (2009, p. 355), entendida como um conceito marcado pela reflexividade e por um efeito coletivizador: todos a possuem e, por definição, todos a compartilham. É nesse contexto que se evidencia a relevância de reconhecer e fortalecer as interculturalidades.

Embora produzidas na contemporaneidade, no *agora*, as *etnomídias indígenas* não estão dissociadas de outros tempos-espacos, de outras temporalidades, sobretudo, porque envolvem corpos e saberes ancestrais, culturas e tradições milenares, a opacidade dos sujeitos comunicantes indígenas. Opacidade e temporalidade nos remetem também à memória:

A Memória é um vínculo com o passado sem abrir mão do que se vive no presente. É ela quem nos coloca em conexão profunda com o que nossos povos chamam Tradição [...]. é quem comanda a resistência, pois nos lembra que não temos o direito de desistir caso contrário não estaremos fazendo jus ao sacrifício de nossos primeiros pais. É a memória que nos lembra de que somos fio na teia da vida. Apenas um fio. [...]. Mas precisa ser atualizada constantemente num movimento cíclico que acompanha o tempo cronológico do qual somos vítimas preferenciais. (Munduruku, 2012, p. 181).

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

O pensamento de Munduruku (2012) estabelece um diálogo direto com a produção etnomidiática quando observamos que o fazer etnomidiático indígena e as narrativas resultantes são tessituras de memórias, evocam passado e futuro no presente, atualizam culturas e tradições no gesto da oralidade, da escrita, do registro verboaudiovisual. Falamos de uma rede de saberes e conhecimentos com tramas e conexões para além das materialidades que a constitui, que escapa aos meios e mediações sociotécnicos, ao visível do texto e da cena, ao senso comum e pensamento colonizado, envolve sensibilidade e textualidades distintas.

Considerações finais para uma artesanaria inacabada

No tramar do tecido comunicacional, assim como ocorre no trançado de uma cestaria, os artesãos pesquisadores (Mills, 1975), vão aprendendo a elaborar constructos suscitados por uma relação, de maneira indissociada, de métodos e teorias, dando vida à um modelo artesanal científico que atenda às demandas de nossa problemática.

Ao aventurar-nos por ambientes investigativos que nos criam e nos produzem como sujeitos pensantes (Bosi, 2003), abrem-se ricas e inesperadas trilhas de conhecimentos a serem explorados, simplesmente porque nos permitimos ouvir as múltiplas fontes advindas de processos complexos em distintos lugares, deixando o “devir” acontecer e assim, as construções vão se elaborando, nos fornecendo pistas para a organização de lógicas e de condições de uma produção sistemática.

Pensar as *etnomídias indígenas* como um fenômeno do conhecimento a ser observado, desde a escrita deste artigo e no percurso do doutorado que se inicia, atento aos sujeitos do conhecimento que

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

as produzem, é pensar na articulação entre saberes, em regimes de conhecimento que se afetam mutuamente sem anular as especificidades de cada cultura.

Podemos olhar para as *etnomídias indígenas* como produções que fomentam debates na sociedade, incluindo o ambiente acadêmico, conforme destacam Anápuàka Tupinambá e Erisvan Bone Guajajara. São meios comunicacionais indígenas em constante desenvolvimento e elaboração, dado que nos parece relevante na discussão acerca da produção do conhecimento, uma vez a ciência também como esfera em construção, posta à prova ao longo do tempo e espaço.

Abordar a comunicação de perspectiva descolonial, bem como a apropriação e a ressignificação do espaço digital enquanto território midiático indígena, implica reconhecer as referências identitárias e as bases culturais que atravessam as produções etnomidiáticas. Essas marcas se manifestam nas narrativas verboaudiovisuais elaboradas por comunicadores indígenas em um contexto globalizado e mediado, de forma predominante, por lógicas não indígenas.

Tal processo perpassa a compreensão de imbricações sociopolíticas, culturais, antropológicas e das ambiências dos encontros comunicacionais e interculturais, fios que vão sendo tramados por meio de suas próprias vozes, redes comunicacionais horizontais e de resistência. Falamos de uma comunicação imanente e transcendente, atravessada por subjetividades e pragmatismos, significantes outros, de uma comunicação que valoriza sotaques, costumes, tradições e culturas originárias, ancestralidades e temporalidades distintas, diferentemente da mídia hegemônica.

Compreender narrativas, processos e práticas comunicacionais dos povos indígenas exige, antes de tudo, um exercício atento e sensível de escuta. Por isso, ao longo do doutorado, tornam-se fundamentais encontros virtuais e presenciais, sempre que viáveis, com diferentes comunicadores e

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

comunicadoras indígenas, encontros que temos denominado de rodas de escuta. Escutar, dialogar e observar de forma sensível constituem, assim, as bases que orientam a pesquisa em desenvolvimento. Essa compreensão também envolve reconhecer as *etnomídias indígenas* como redes comunicacionais de múltiplas dimensões, comunicacional, étnica, memorial, ancestral, cosmológica e artística, que articulam variadas temporalidades, materialidades e tecnologias, destacando sobretudo a voz, a memória, os saberes ancestrais e os corpos-território.

Por fim, evocar as *etnomídias indígenas* é convocar um modo de comunicar que abre brechas na colonização do pensamento, que sustenta um pensar-fazer insurgente, especialmente quando o debate atravessa os povos indígenas brasileiros, as tramas de poder e saber, os direitos humanos feridos, as violências e hierarquias, as tantas formas de desumanização e genocídio, as territorialidades em disputa, as narrativas e suas contra narrativas pulsantes. As *etnomídias indígenas* nos convidam a revisitar o sentido e o lugar da comunicação, sobretudo em tempos em que a democracia se vê ameaçada, como nestes dias que ainda respiramos.

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

Referências

- Baniwa, G. (2011). *Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real: Os dilemas da educação escolar no Alto Rio Negro* (Tese de doutorado, Universidade de Brasília). Repositório Institucional da UnB. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9931>
- Bone Guajajara, E. (2020, dezembro). *Mídia Índia é reconhecida com o Prêmio Joan Alsina de Direitos Humanos da Espanha*. Amazônia Real. <https://amazoniareal.com.br/midia-india-e-reconhecida-com-o-premio-joan-alsina-de-direitos-humanos-da-espanha/>
- Bonin, J. A. (2016). Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. In C. P. de Moura & M. I. V. de Lopes (Orgs.), *Pesquisa em comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas* (pp. 213–231). EDIPUCRS.
- Bosi, E. (2003). Entre a opinião e o estereótipo. In *O tempo vivo da memória* (pp. 113–126). Ateliê Editorial.
- Carneiro da Cunha, M. (2009). *Cultura com aspas e outros ensaios*. Cosac Naify.
- Carneiro, R. G. (2023). *Etnomultimídia indígena: Configurações de vozes de uma demarcação etnomulticomunicacional cidadã e descolonizadora no Brasil* (Tese de doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos). Repositório Institucional UNISINOS. <https://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/12433>
- Carneiro, R. G. (2019). *Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: A etnomídia cidadã da Rádio Yandê* (Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos). Repositório Institucional UNISINOS. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8195>
- Certeau, M. de. (2003). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer* (9ª ed.). Vozes.
- Cusicanqui, S. R. (2018). *Um mundo ch'ixi é possível: Ensaio de um presente em crise* (S. Iamamoto, Trad.). Editora Elefante.
- Entrevista com Alexandro Kuaray Mirim – Guarani M'byá. (n.d.). *YouTube – Rádio Yandê*. <https://www.youtube.com/watch?v=dpyLXOFnWUE>
- Ferdinand, M. (2022). *Uma ecologia decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho*. Ubu Editora.
- Glissant, É. (2021). *Poética da relação* (M. Vieira & E. J. de Oliveira, Trans.). Bazar do Tempo.

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

- Gomes, D. dos S. (2022). *Etnomídias indígenas: Contra-narrativas indígenas nas redes digitais* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Tocantins). Repositório UFT. <http://hdl.handle.net/11612/6691>
- Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Companhia das Letras.
- Maldonado, E. (2013). Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In J. Bonin & N. M. do Rosário (Orgs.), *Processualidades metodológicas: Configurações transformadoras em comunicação*. Insular.
- Martín-Barbero, J. (2003). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia* (2ª ed.). UFRJ.
- Martins, L. M. (2021). *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Cobogó.
- Mills, C. W. (1975). Do artesanato intelectual. In *A imaginação sociológica* (pp. 211–243). Zahar.
- Munduruku, D. (2012). *O caráter educativo do movimento indígena (1970–1990)*. Paulinas.
- Muniz Tupinambá, A. (2016, junho). *Rádio online Yandê mantém programação para valorizar cultura indígena*. Rede Mobilizadores. <https://mobilizadores.org.br/noticias/radio-online-yande-mantem-programacao-para-valorizar-cultura-indigena/>
- Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. Record.
- Sartre, J.-P. (2011). Crítica de la razón dialéctica (pp. 13–79). Losada.
- Smith, L. T. (2018). *Descolonizando metodologias: Pesquisas e povos indígenas* (R. G. Barbosa, Trad.). Ed. UFPR.
- Souza, V. G. P., & Costa, R. C. (2021). Etnomídia indígena como narrativa das resistências. *Extraprensa*, 14(2), 438–451. https://www.researchgate.net/publication/356552236_Etnomidia_Indigena_como_narrativa_das_resistencias
- Torrico, E. (2015). Decolonizar la comunicación. In *Anais do I Congreso Internacional Comunicación, Decolonización y Buen Vivir* (Quito, Ecuador). Ciespal. <https://www.ciespal.org/decolonizar-la-comunicacion/>
- Tupinambá, R. M. (2016, agosto). *Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos originários*. Brasil de Fato. <https://www.brasildefatopr.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originarios>

Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena

Videocast – Comunicadores em ação: Bitate Uru Eu Wau Wau, Richard Werá e Salí Guarani Ñandeva. (n.d.).
YouTube – Rádio Yandê. <https://www.youtube.com/watch?v=oylGQswRVQ4>